

PROLAPSO UTERINO EM VACAS – REVISÃO DE LITERATURA

Gabriela Fernandes Barbalho¹
Jéssica Ângela da Silva Portela¹
Matheus Venâncio de Souza¹
Ariane de Souza Fernandes¹
Débora Oliveira de Souza¹
Leticia Souza Barçante¹
Vanessa Lopes Dias Queiroz de Castro²
Gabrielavet2021@gmail.com

ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências Agrárias

PALAVRAS-CHAVE: bovinocultura, doenças reprodutivas, prolapso uterino.

INTRODUÇÃO

Doenças reprodutivas são de suma importância para a pecuária. Embora, geralmente, as doenças reprodutivas apresentem baixa mortalidade, elas têm efeitos avassaladores sobre a eficiência reprodutiva dos rebanhos e, em consequência deste fato, os efeitos negativos na produção animal, como por exemplo, o prolapso uterino (SOUZA, 2020). O prolapso do útero pode ocorrer em qualquer espécie; porém, ele é mais comum nas vacas leiteiras e nas porcas, menos frequente nas ovelhas e raro nas éguas, nas cadelas e nas gatas (YOUNGQUIST, 1997) A etiologia dos prolapsos uterinos não está completamente esclarecida, porém em muitos animais ocorre em simultâneo com hipocalcemia, acarretando a inércia do útero. Evidenciaram esta associação em vacas múltiparas, o que está em consonância com a menor incidência de prolapso em primíparas, vacas de aptidão de carne e animais confinados de menor consumo alimentar (MELOTTI, 2020). Esta patologia ocorre dentro de poucas horas após o parto, quando a cervix ainda está aberta, em que o útero perde o tônus e os ligamentos uterinos encontram-se bastante distendidos. É possível começar a visualizar os prejuízos que esse distúrbio reprodutivo, em todas as suas variações, acarreta no montante total de produtividade das fêmeas do rebanho (SILVA, 2011). Os animais na maioria das vezes vão apresentar exposição parcial ou total da vagina pela rima vulvar, inquietação, lesões da porção evertida de leve a grave, dissolução parcial ou total do tampão mucoso, retenção urinária, prolapso retal secundário ao tenesmo, congestão venosa passiva com consequente desvitalização da estrutura prolapsada, vulvite, vaginite, cervicite e, nas fêmeas gestantes, é possível observar abortamento ou morte fetal por contaminação com enfisema fetal (TONIOLLO & VICENTE, 2003; DIAS, 2007).

METODOLOGIA

¹ Acadêmicos do curso de Medicina Veterinária – Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó.

² Doutora em Medicina Veterinária- Professora do curso de Medicina Veterinária da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX - Matipó.

Este estudo constitui-se de uma revisão da literatura realizada em Setembro de 2020, utilizando artigos científicos encontrados na plataforma de pesquisa do Google Acadêmico e Scielo. Os descritores utilizados foram: bovinocultura, prolapso uterino, doenças reprodutivas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O prolapso, frequentemente, é completo e a massa do útero, geralmente, alcança os jarretes do animal afetado. Nas vacas, o tratamento envolve a remoção da placenta (se ainda estiver presa) e a limpeza completa da superfície endometrial. Retorna-se então o útero para a sua posição normal. Uma vez o útero recolocado, deve-se inserir a mão na extremidade de ambos os cornos uterinos para se certificar de que não haja uma invaginação remanescente. Se a vaca ficar em decúbito, deve-se posicioná-la com os quartos posteriores elevados, afim de movimentá-la para uma área inclinada ou para colocá-la em decúbito esternal com os membros posteriores estendidos para trás (YOUNGQUIST, 1997). O diagnóstico é baseado nos sinais clínicos e anamnese. Antes do tratamento específico o animal deve ser avaliado na eventualidade da presença de estado de choque ou hipocalcemia (MELOTTI, 2020). O tratamento de modo geral deve seguir três passos: sendo que o primeiro passo é a preparação do órgão e do animal, o segundo é a reintrodução do útero na cavidade abdominal e por último é a manutenção da localização anatômica e topográfica do útero (SIMÕES, 2013). A fim de impedir possíveis recidivas, utilizam-se métodos de fechamento da vulva, tais como o de Flessa ou de Bühner, a vulva é untada com pomada de óxido de zinco adicionado a óleo de fígado de bacalhau. Após seis ou oito dias são retirados os pontos da sutura. O prognóstico depende do tempo decorrido e do grau de lesão e contaminação do útero, da intensidade do estado de choque do animal e da posição deste órgão (DROST, 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A idade da vaca, sua classificação em ordem de partos, juntamente com o sexo e peso do feto ao nascer são fatores importantes nos casos de prolapso uterino. Com o conhecimento técnico e as informações colhidas desses animais podemos ter um controle eficaz e manejo adequado dos animais, potencializando a produção evitando perdas econômicas, mortes ou descartes dos mesmos que possuem alto valor zootécnico.

REFERÊNCIAS

DROST M. **Complications during gestation in the cow**. Theriogenology, v.68, p.487-491, 2007.

MELOTTI, Vitor Dalmazo; MATTOS, Ricardo Augusto Oliveira. **PROLAPSO VAGINAL EM TRÊS VACAS-RELATO DE CASO**. *Revista Ciência e Saúde Animal*, v. 2, n. 1, 2020.

SILVA, Thiago Alexandre et al. **Prolapso de cervix, vagina e útero em vacas**—Revisão de Literatura. *PUBVET*, v. 5, p. Art. 1171-1177, 2011.

SIMÕES, J. O. Ã. O.; QUARESMA, MIGUEL. **Prolapsos uterinos em ruminantes**. *Medicina veterinária*, v. 54, p. 30-37, 2003.

SOUZA, Bárbara Xavier Carvalho et al. PROLAPSO UTERINO EM BOVINOS. **Revista Saúde-UNG-Ser**, v. 13, n. 2 ESP, p. 106, 2020.

TONIOLLO, G.H.; VICENTE, W.R.R. **Patologias da gestação**. In: Manual de obstetrícia veterinária. São Paulo: Varela, 2003. Cap.V, p.43-64.

YOUNGQUIST RS. **Surgical correction of abnormalities of the genital organs of cows**. In: Youngquist RS. Current therapy in large animal theriogenology. Philadelphia: WB Saunders, 1997. p.429-440.